



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

BRUNA KARINE SANTOS DA COSTA

**“AS MILITANTES SEM FUTURO”
UM ESTUDO SOBRE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO
ENTRE ESTUDANTES DA UNILAB RESIDENTES EM SANTO AMARO/BA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

BRUNA KARINE SANTOS DA COSTA

**“AS MILITANTES SEM FUTURO”
UM ESTUDO SOBRE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO
ENTRE ESTUDANTES DA UNILAB RESIDENTES EM SANTO AMARO/BA**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Juliana Dourado Bueno.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

AGRADECIMENTOS

A conclusão desse trabalho, remete-me a recordar de muitas pessoas, que tenho reconhecimento, pois esta etapa finalizou-se com a contribuição de cada uma dessas, se de forma direta ou indireta, nesta fase importante da minha vida.

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por me conceder a vida e me dar sabedoria e discernimento para superar as dificuldades encontradas pelo caminho e pelos momentos de felicidade.

Aos meus familiares, em especial minha mãe Valdeeth Maria, pelo amor, carinho e proteção. Sendo necessária nos momentos difíceis. Aos meus irmãos, Roberto Schitini, Marcos Sued e Ana Cristina por todo apoio e incentivo nessa trajetória. Aos familiares que sempre contribuíram de alguma maneira. A todos sou grata!

À meu amigo JB pelo apoio e carinho. Por me amparar nos momentos difíceis com palavras de conforto, pelos abraços, fazendo com que me sentisse segura. Muito obrigada por fazer parte de minha vida!

E aos meus amigos e irmãos de coração que sempre me apoiaram.

Aos colegas de graduação, por estarem comigo a todo momento, em especial a Bianca Moniz que se tornou uma amiga, pela disponibilidade em me ajudar, pelo o ser ímpar.

A minha orientadora Juliana Dourado, pela paciência, força, estímulo e sensibilidade, que me permitiu concretizar meu trabalho.

Aos professores da Unilab, obrigada pelo ensinamento e aprendizados.

A todos minha gratidão!

Lâmpada para meus pés é a tua
palavra, e luz para meus caminhos.
Salmo 119:105.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	PERGUNTA DE PARTIDA	9
3	OBJETIVOS	9
3.1	GERAL	9
3.2	ESPECÍFICOS	10
4	JUSTIFICATIVA	10
5	REFERENCIAL TEÓRICO	11
6	METODOLOGIA	15
7	CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	17
	REFERÊNCIAS	19
	APÊNDICE	20

1 INTRODUÇÃO

*“Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal”*

Francisco, el Hombre (2016)

Em 2013, a UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Campus do Malês, teve sua instalação na cidade de São Francisco do Conde. As atividades acadêmicas inicialmente foram para graduações e pós-graduação a distância. No ano de 2014 as aulas presenciais deram início. A instituição tem como missão o pacto de cooperação internacional entre o Brasil e outros países que pertencem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), abrindo espaço para os estudantes africanos. Sua chegada a cidade trouxe oportunidades para moradores locais e de outras cidades como Santo Amaro, Candeias, São Sebastião do Passé, como também outras regiões devido sua proposta e diretrizes para o desenvolvimento da educação superior pensando em desenvolver políticas para o desenvolvimento social, aliando um processo de internacionalização e interiorização da universidade pública.

A UNILAB dispõe do projeto que fortalece a crítica do processo de colonialismo e suas heranças. Portanto, apresenta uma proposta de desconstrução, voltada para um estudo decolonial, apresentando três áreas de concentração – estudos africanos, diáspora negra, e interseccionalidade entre gênero, raça e classe. De fato, o debate sobre as relações de gênero tem ocupado um espaço importante na universidade, em que disponibiliza componentes curriculares no primeiro ciclo de formação do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, dentre os quais é possível citar: Dinâmica de Raça, gênero e sexualidade no contexto da globalização; Gênero, relações internacionais e desenvolvimento africano; e Processos educacionais e construção de identidades: raça/etnia, classe, gênero e sexualidade. O debate sobre “relações de gênero” é trabalhado de forma transversal nas ementas de outros componentes, já que muitos docentes trazem textos e debates para a sala de aula, mesmo não sendo a principal temática do componente.

Nessa perspectiva aponto um olhar para a narrativa de alguns moradores de Santo Amaro sobre as estudantes deste município que estudam na Unilab. Entendemos que enquanto uma instituição de ensino, a universidade é formadora de opinião. No caso da Unilab, sua proposta curricular objetiva desconstruir práticas que inferiorizam os diferentes grupos sociais.

A construção de modelos estabelecidos pela sociedade santo-amarense no que diz respeito às relações de gênero e sexualidade permanece, em boa parte, nas tradições do conservadorismo. Os conservadores seguem uma linha de pensamento fechado às mudanças, isso implica em costumes e concepções de mundo perpassados pela moralidade, tradição e valores religiosos. Por conta do conservadorismo e do machismo estrutural, é possível visualizar um processo de violência de gênero para determinados grupos. Assim, as definições de gênero estruturadas remetem a determinadas situações que agridem e oprimem a mulher com atributos que as afetam de diferentes maneiras. Por conseguinte, este projeto tem por finalidade identificar e apresentar as construções ideológicas de gênero e patriarcado, levando-se em consideração os atributos destinados às mulheres que estudam na Unilab e residem em Santo Amaro/BA.

O projeto dispõe do tema – Representação das estudantes da UNILAB em Santo Amaro, apontando para refletir como as ideias do machismo, patriarcado e gênero podem sustentar as questões de relacionamento entre os moradores que rotulam e pré-julgam com significações um determinado grupo social, em que as mulheres são prejudicadas, devido as impressões criadas pela aparência, comportamentos, falas, roupas e cultura. Os estereótipos, em sua maioria, apresentam estigmas e definições de teor negativo podendo causar danos na vida da mulher, de uma maneira que acarretará moldes que formam bases fortes para o preconceito e padronizações, com isto, quem não apresenta uma aceitabilidade imposta pela sociedade acaba sofrendo repressão e violência.

Isso fica expressado por meio de afronta gestual e verbal, humilhação, piadas de duplo sentidos e até mesmo hostilidade. E desta maneira as impressões sobre o outro é apontada por uma má impressão que estabelece o preconceito causado pelas padronizações impostas em classificar o “ser mulher”.

O cenário atual na cidade de Santo Amaro referente aos estudantes da UNILAB é nitidamente percebido pela desvalorização dos cursos, principalmente o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, por ser entendido como um curso que não qualifica, não atribui uma profissão de “valor” que coloque o indivíduo em uma profissão “boa”, que seja reconhecida. Então, desqualifica o curso com expressões como “que curso é este?”, “nunca ouvir falar nesse curso”, “trabalha com o quê?”, “vale a pena estudar tanto para nada?”, “este curso só existe aqui”, “eu que não faço essa área”, “apesar de ser federal, não estudo! Só vejo homem virando mulher e mulher virando homem”, “estudam para nada”, “curso para os negros,

só fala dessa raça”, “mulheres mudando seus comportamentos”, e assim acontecem os pré-julgamentos.

Neste contexto, cabe ressaltar as questões patriarcais que começam desde a infância, e reproduzidas na diferenciação da criação de meninos e meninas. Esta base familiar apresenta padrões de gênero, podendo causar limitações futuras e abrindo possibilidades para preconceitos. Como observado, os familiares, a igreja e a escola determinam as cores, brinquedos e modos comportamentais a serem seguidos. Na busca de orientar, acabam definindo as práticas e os comportamentos, como na padronização da cor (azul para meninos e rosa para meninas), e em expressões como, “isso é coisa de menina”, “boneca para menina e carro para meninos”, “feche as pernas, mocinha”, “meninas assistem filmes de princesa”, “menina só pode andar arrumadinha”. Sendo que as rotulações acabam determinando a maneira negativa que irá refletir no sujeito em todas as fases da sua vida.

Com esta base, vale salientar que os estereótipos estão entrelaçados a inúmeros elementos, como o padrão de beleza que faz ligação com o domínio que é perpetuado, diz muito sobre o racismo, que se apresenta como a padronização do que é feio e bonito, como a cor, que coloca o branco como símbolo de poder como visto na cidade. Ultimamente os moradores que se apresentam como conservadores dos “bons costumes”, apresentam reações de preconceitos e discriminações com universitários e pessoas transexuais, referindo-os com adjetivos e classificações, dentre as quais é possível citar: “homem vestido de mulher”, “mulher com roupas de homem”, “tudo negro”, “tudo maconheiro”, “péssima influência para as crianças”, “receio de levar meu filho e encontrar aquele povo da universidade”, “sou viado! Mas acho horrível se vestir de mulher”.

Ressaltando que as mulheres sofrem situações machistas diariamente, inclusive nas relações afetivas. O pensamento da cultura machista está impregnado nos homens e nas mulheres. Como observado nos discursos, as mulheres perpetuando o conservadorismo como um costume que coloca no lugar de “mulher direita”, em virtude de vestígios patriarcais que acabam colocando as vítimas como culpadas. Neste cenário é possível afirmar que muitas pessoas permanecem enraizadas em preconceitos diante de comportamentos e falas dos universitários que na tentativa de desconstruir toda esta ideia, são deparados com adjetivos, características e atributos “discurso feminista”, “a Unilab está transformando as nossas mulheres”, “cidade cheia de sapata”, “as meninas eram normais até entrar na universidade e ser transformadas com a ideologia das feministas”, “as militantes sem futuro”, “mulher tem que ser

submissa”, “culpadas pela criação do filho”, “gordinha”, “barriguda”. As mulheres também são estereotipadas como aquelas que fazem “vitimismo” quando se denuncia o machismo.

Em conversas exploratórias realizadas com estudantes de Santo Amaro¹, algumas relataram que a universidade lhes permitiu um conhecimento sobre o tema do patriarcado, fazendo, inclusive, com que elas alterassem suas formas de pensar e agir nos relacionamentos com os pais, amigos e familiares.

Diante as conversas, vale ressaltar que todas citam a violência contra as mulheres no contexto social, e nas redes sociais é degradante a maneira como as mulheres são rotuladas com expressões ruins, inferiorizando o ser mulher, seja pelo comportamento, vestimentas e por assumir uma posição que a sociedade considera apropriada, e assim são julgadas pelo imaginário social que abraça o machismo.

É importante salientar que todas as estudantes relataram sobre a importância do ensino superior na Unilab, e a partir daí começaram a debater teorias que desconstruíram pensamentos anteriores quando ingressaram na instituição.

2 PERGUNTA DE PARTIDA

A pesquisa reúne vários aspectos para tentar responder a pergunta de partida: Quais impactos na sociabilidade e afetividade das estudantes da Unilab que residem em Santo Amaro, diante dos estereótipos de gênero que recaem sobre o grupo?

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

O intuito da pesquisa é analisar os impactos dos estereótipos de gênero que recaem nas estudantes da Unilab residentes em de Santo Amaro/ BA, em especial no que diz respeito aos padrões de sociabilidade, incluindo as afetividades e os relacionamentos amorosos.

¹ É válido destacar que algumas estudantes foram contatadas, por meio de mensagens no celular, para que pudessem narrar suas experiências. O roteiro de perguntas (ver ANEXO 1) foi enviado para seis pessoas e três responderam as questões.

3.2 ESPECÍFICOS

- Apresentar como são as diferentes rotulações dadas às estudantes;
- Compreender o diálogo sobre a discriminação de gênero, sexualidade e violência contra a mulher frente no contexto de Santo Amaro da Purificação – BA.

4 JUSTIFICATIVA

Este tema foi escolhido devido a minha inquietação a partir de julgamentos aos estereótipos de gênero nas afetividades e nos relacionamentos amorosos ligados às padronizações. Minha familiaridade com o tema, se dá pela situação de experiências com pessoas próximas, como também por relacionamentos amorosos vivenciados. Antes a situação incomodava, mas devido aos moldes adotados pela sociedade, se tornava algo comum, porém com minha entrada na Unilab pude desconstruir padrões que inferiorizam e determinam grupos sociais. Fundamento-me nessas reflexões iniciais, em argumentos das teorias do campo de estudo das Ciências Sociais, enfatizando o olhar para gênero e feminismo.

A aplicação desta pesquisa auxiliará na reflexão de pontos importantes que caracterizam os estereótipos, rotulando e julgando a mulher, com isto, perpetuam os comportamentos machistas, a partir de opiniões e atitudes que recusam a igualdade de direitos, podendo em sua maioria acontecer o discurso de ódio em torno da violência sofrida pelas mulheres.

Diante disso, aponto o texto sobre o Machismo e discurso de ódio nas redes sociais: uma análise das “opiniões” sobre a violência sexual das mulheres de 2018. O texto menciona uma pesquisa realizada nas redes sociais em que aponta a porcentagem alta do discurso de ódio, representado pela “cultura machista”, sobre as opiniões dos comentários feitos ao caso da garota que foi estuprada aos 16 anos por diversos homens apontando que a vítima estava drogada e os homens que violentaram eram do tráfico, e assim, culpam, subjugam e desvalorizam a vítima, denotando comentários machistas e de ódio nas redes sociais.

Quanto à desconstrução do gênero temos como exemplo Caroline Barreto, docente em Bacharelado dos Estudos de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia, que discute sobre o gênero na moda, no artigo Narrativas da Aparência: a materialização do gênero no design de moda, em 2013, afirmando que o estudo sobre gênero é um processo criativo que

vem valorizando a expressão da identidade da mulher na construção de pensamentos políticos e o reconhecimento do papel da mulher.

Desse modo, é importante destacar a importância dos estudos sobre a categoria gênero e a violência de gênero nos ambientes fechados e livres de ensino e aprendizagem com urgência, uma vez que as inúmeras iniciativas de políticas públicas formuladas para o combate da violência de gênero como a Lei Maria da Penha, Lei do Feminicídio e as Delegacias de Atendimento à Mulher, apesar de serem essenciais, ainda não é o bastante para que a sociedade faça uma reflexão e problematize a respeito das questões alarmantes em relação à violência contra as mulheres, em suas diferentes expressões.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

O patriarcado designa uma ideia social que homem detém poder sobre as mulheres, colocando-a como submissas, estas concepções são formadas através de visões prévias e disseminadas de modo que estabelecem ou instruem significados a uma determinada categoria. Para Cheskys (2013) os estereótipos são construídos e sustentados por diversos fatores, como “idade, língua, gênero, religião, orientação sexual, origem étnica e racial” (CHESKYS, 2013, p.1). Dessa maneira, torna-se alimentada pelas normas dominantes e enraizadas pela construção social, assim, promovendo desigualdade, violências e inferiorização de gênero.

No que diz respeito ao machismo, o entendemos como um “sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeito entre o homem e a mulher” (DRUMONT 1980 apud OLIVEIRA; LIMA; GOMES, 2018, p. 70). Oliveira, Lima e Gomes (2018) aborda que o machismo está além da “violência física, verbal ou simbólica” contra a mulher, por constar também as questões culturais que foram perpetuadas no período civilizatório, de que o homem é superior a mulher (OLIVEIRA; LIMA; GOMES, 2018, p. 68).

As bases machistas são construídas por sistemas de representações patriarcais, este cenário ideológico está enraizado e perpetuado na sociedade, determinando fatores sociais, e especificando lugares para cada ser, sendo que em qualquer circunstância a dominação é exercida pelo homem, seja na liderança política, escolar, igrejas, família, entre outros.

No texto, os autores citam Pierre Bourdieu com a obra *A dominação masculina*. Bourdieu apresenta três aspectos na sociedade de intensificação à dominação masculina como na família, na igreja e na escola (OLIVEIRA; LIMA; GOMES, 2018, p. 70).

Nessa perspectiva, Oliveira, Lima e Gomes (2018) citam a autora Chimamanda Adichie que faz uma abordagem sobre a maneira “nociva” como as crianças do sexo masculino são criadas, é ensinado que eles devem superar qualquer situação, pois são fortes e capazes o suficiente.

Oliveira, Lima e Gomes (2018) ressaltam a justificativa apresentada às mulheres quando sofrem algum tipo de violência por parte masculina, como estas, “homem é assim mesmo ou você precisa mudar seu comportamento para que isso não aconteça”, sendo assim, a mulher internaliza esse pensamento que coloca o homem sempre no poder e que tudo é válido e aceitável.

Perdemos muito tempo ensinando as meninas a se preocupar com que os meninos pensam delas. Mas o oposto não acontece. Não ensinamos os meninos a se preocupar em ser ‘benquistos’. Se, por um lado, perdemos muito tempo dizendo às meninas que elas não podem sentir raiva ou ser agressivas ou duras, por outro, elogiamos ou perdoamos os meninos pelas mesmas razões. (ADICHIE, 2014 apud OLIVEIRA; LIMA; GOMES, 2018, p. 72).

Os autores destacam que Heleieth Saffioti examinou a estrutura da violência de gênero entre o ser feminino, constatando que a socialização das mulheres em moldes patriarcais, apresenta um processo social em que a mulher começa a reproduzir a lógica patriarcal que atribui qualidades e defeitos ao homem, apontando que o número de mulheres que questionam a subalternização social do feminino ainda é baixo.

Esta “distribuição desigual do poder” que, mascarada em muitas faces, reafirma a violência contra as mulheres. Uma das faces, na atualidade, são as redes sociais, cuja lógica da “liberdade de expressão” traduz o padrão moral e valores compartilhados pelos sujeitos. Em se tratando de casos de violência sexual contra as mulheres, tais configurações tornam-se mais perceptíveis, especialmente em relação aos discursos de culpabilização da vítima, atribuindo a violência sofrida ao uso de roupas, comportamentos “inapropriados” ou à ausência de alguma tutela masculina (a figura ilusória do protetor) (OLIVEIRA; LIMA; GOMES, 2018, p. 72)

As feministas usaram diversas abordagens para analisar o termo gênero, como nas teorias do patriarcado – analisando o sistema de gênero ressaltando o privilégio dos homens nas organizações sociais. Buscam explicar a dominação do homem pela mulher em função da reprodução como na sexualidade. Problema que as teorias não demonstram como a desigualdade de gênero estrutura outras desigualdades sociais que são afetadas em situações que não aparentam ter ligação com o gênero. Além disso, aponta questões das diferenças corporais entre homens e mulheres considerando sua historicidade imutável.

As contribuições de Scott (1995) são bastante significativas para a compreensão das relações sociais de gênero na área das Ciências Sociais. A autora mostra que as feministas passaram a empregar a palavra gênero, afastando-o do biológico para utilizar os benefícios da organização social da relação entre os sexos. Scott (1995) salienta que a palavra gênero foi utilizada pelas feministas americanas no sentido de fundamentar socialmente as “distinções baseadas no sexo”. Para ela, seria importante rejeitar o determinismo biológico e as definições normativas das feminilidades (SCOTT, 1995, p.3).

Scott (1995) traz ainda contribuições sobre os marcadores de gênero e raça, que são extremamente relevantes para a proposta deste projeto de pesquisa. A autora mostra que as pesquisas sobre as mulheres ganharam um olhar político amplo, e tais categorias [gênero e raça] passaram a fazer parte do contexto, dessa forma, os pesquisadores começavam a pontuar uma nova história que aborda a fala dos oprimidos(as), analisando o sentido e a natureza da sua opressão, tomando conhecimento que as pesquisas eram classificadas pela desigualdade de poder, que são estruturadas em três pontos, sendo a classe, a raça e o gênero.

Quando mencionamos a “classe”, trabalhamos com ou contra uma série de definições que no caso do Marxismo implica uma ideia de causalidade econômica e uma visão do caminho pelo qual a história avançou dialeticamente. Não existe este tipo de clareza ou coerência nem para a categoria de “raça” nem para a de “gênero”. No caso do “gênero”, o seu uso comporta um elenco tanto de posições teóricas, quanto de simples referências descritivas às relações entre os sexos (SCOTT, 1995, p. 4).

O sentido dado a palavra gênero era apresentado numa dimensão analítica para o estudo sobre as mulheres na tentativa de transformar os paradigmas utilizados nas teorias, abrindo caminho para outros temas, bem como, inserir sua história diante das experiências próprias e “subjetivas”, ou seja, iria depender da maneira que o gênero seria analisado.

Diante do contexto, Machado (2014), salienta o olhar distante para a “mulher universal” sendo assim, enfraquece a proposta de pluralizar os termos, como também não se apropriar do termo “vítima”. Esta dimensão caracteriza o feminismo com determinada visão. A autora relata a crítica da estruturalista Cláudia de Lima Costa que as feministas foram impossibilitadas de pensar aspectos específicos e particular sobre “classe, raça, etnia ou orientação sexual” por conta da posição de termos que surgiram no Iluminismo (MACHADO, 2014, p. 34).

Porém, as feministas foram além para comprovar que as mulheres possuem uma história, acrescenta que participaram das modificações políticas da civilização ocidental. Falando da história das mulheres, “a reação da maioria dos (as) historiadores (as) não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres para depois descartá-la ou colocá-la em um

domínio separado” (SCOTT, 1995, p. 5), com isto, faz-se uma divisão entre a história do homem e da mulher.

Scott (1995) ressalta que no decorrer do tempo a utilização do vocábulo “gênero” na gramática era usada para figurar “traços de caráter ou traços sexuais” das pessoas dando-lhe forma.

As teorias sobre gênero surgiram nas ciências sociais e foram baseadas num contexto universal. Ela salienta que a palavra gênero é usada ultimamente como sinônimo de mulher. Nessa conjuntura, o termo gênero visa indicar a erudição e a seriedade de um trabalho porque gênero tem uma conotação mais objetiva neutra do que mulheres. Por isso, parece integralizar como termo nas ciências sócias, e assim desvincula-se da política do feminismo. Não implicando sobre a desigualdade ou o poder, nem mesmo designa a parte lesada e até agora invisível (SCOTT, 1995, p. 6).

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e as mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres (SCOTT, 1995, p. 7).

A autora aponta o uso causal do gênero como aposta de reconciliar as teorias que eram utilizadas de maneira única nos estudos. Consequentemente obteve resultados significativos que ampliou as análises das teorias, que antes eram permanentes. As feministas usaram diversas abordagens para analisar o termo gênero, sendo explicada em três visões teóricas: A do patriarcado é um esquema de dominação /exploração do homem sobre a mulher; as tradições marxistas que descreve as abordagens tradicionais situada na história, limitando o desenvolvimento de novos direcionamento, devido a posição subordinada da mulher na categoria sexual do trabalho; as teorias psicanalíticas como o processo de formação pelos quais a identidade de um sujeito são criadas, centralizando suas vivencias nas primeiras etapas da vida da criança, apesar dos temas se concentrarem nos sujeitos, sempre recaí na universalização das categorias homem e mulher.

Para Scott (1995) “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; o gênero é uma forma primária de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 21).

A compreensão do gênero é dispersa, mas está relacionada por estes elementos: Os símbolos, apresentações culturais; as normas e doutrinas; a relação nas organizações e instituições sociais; noções de identidades subjetivas.

Assim, Oliveira, Lima e Gomes (2018) aponta que o termo “liberdade de expressão” faz com que as pessoas expressem seus pensamentos de modo a não analisar certos tipos de opinião, pois tem a ideia que essa tal liberdade não pode ser analisada e no caso silenciada e acabam fazendo ataques com o discurso de ódio, na maioria das vezes contra as mulheres, dessa maneira, chamam a atenção para o pensamento de Catherine Mackinnon que nas suas pesquisas aborda indagações sobre o direito da mulher, que o discurso de ódio tende a silenciar ou se sobrepor à expressão.

Scott (1995), cita Godelier ressaltando que “não é a sexualidade que produz fantasmas na sociedade, mas, sobretudo, a sociedade que fantasma na sexualidade, o corpo”. E, assim, aponta que são as diferentes maneiras entre os corpos tendo ligação ao sexo, “são constantemente solicitadas para testemunhar as relações e fenômenos sociais que não tem nada a ver com a sexualidade. Não só testemunhar, mas testemunhar a favor, isto é, legitimar” (GODELIER, apud SCOTT, 1995, p. 23).

6 METODOLOGIA

Neste projeto a proposta a ser trabalhada, será por meio da pesquisa de caráter qualitativo. A abordagem de pesquisa qualitativa é compreendida por método que descreve a complexidade do determinado objeto de estudo. Para investigar o problema o pesquisador tem a chance de compartilhar experiências e convívios com indivíduos, para reunir e interpretar as informações. Como descreve Chizzotti (2003):

O termo qualitativo implica na partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa. (CHIZZOTTI, 2003, p. 221)

O levantamento bibliográfico se apresenta de maneira estratégica para conduzir a pesquisa científica, pois o pesquisador na perspectiva de compreender, trabalha a partir da investigação, levantando, analisando as discussões bibliográficas de autores sobre o objeto a ser pesquisado.

Uma pesquisa bibliográfica procura explicar e discutir assunto, tema ou problema com base em referências publicadas em livros, periódicos, revistas, enciclopédias, dicionários, jornais, sites, CDs, anais de congressos etc. Busca conhecer, analisar e

explicar contribuições sobre determinado assunto, tema ou problema. A pesquisa é um excelente meio de formação científica quando realizada independente - análise teórica - ou como parte indispensável de qualquer trabalho científico, visando à construção da plataforma teórica do estudo (MARTINS, 2009, p.54).

A técnica da pesquisa de campo é utilizada há anos para análise social. De acordo com Neto (1994), considera-se a entrevista, como um método de pesquisa nas Ciências Sociais, com o objetivo para a investigação e uma aproximação com o objeto a ser pesquisado para “conhecer e estudar (...) criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo” (NETO, 1994, p. 51).

Para Neto (1994) a entrevista traz abordagens técnicas de coletas de dados na pesquisa qualitativa, como objeto de estudo, tendo o trabalho de campo o procedimento mais utilizado para coletar dados sobre determinado fenômeno. O autor relata sobre a importância dos pesquisadores buscarem coletar dados objetivos e subjetivos. Com intuito de uma aproximação do tema pesquisado através de dados estatístico e registros cadastrados. Como compreender a subjetividade do sujeito diante seus relatos, pois trata de como o indivíduo analisa e vivencia sua história, seus valores e meio social.

As entrevistas a serem dirigidas podem ser estruturadas e não estruturadas, em que o entrevistador irá abordar o objeto de estudo de maneira livre ou por meio de roteiro, articulando as duas técnicas. Podendo acontecer nas discussões de grupo, conseguindo extrair ponto de vista, crença, convicções para obter compreensão sobre o tema de pesquisa; como também, nas histórias de vida para o conhecimento da realidade, trazendo experiências vivenciadas.

Os procedimentos metodológicos irão contemplar rodas de conversas na Unilab, sendo complementadas em entrevistas individualmente. Inicialmente será definido no mínimo (10) dez estudantes que residem em Santo Amaro/BA com a faixa etária de 20 a 50 anos. Na coleta de dados nas rodas de conversa as perguntas serão realizadas de maneira aberta para que se tenha uma relação com o grupo, e logo após selecionar as ideias e opiniões voltadas ao interesse da pesquisa, e assim fazer as entrevistas individualmente, com perguntas voltadas para o campo de estudo, e posteriormente, serão analisadas todas as informações colhidas para a organização do texto.

7 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

ANOS/MESES/ETAPAS	2019 Jan/Fev	2019 Mar/Abr	2019 Maio/Jun /Jul	2019 Ago	2019/2020 Out/Jun	2020 Jul/Dez	2021 Fev/Jun	2021 Jul/Dez	2022 Fev/Jun
Levantamento bibliográfico	X	X			X				
Elaboração do projeto			X	X					
Apresentação do projeto				X					
Coleta de dados				X	X				
Rodas de conversa					X				
Entrevistas					X				
Análise dos dados						X			
Organização do roteiro/partes							X		

REFERÊNCIAS

- BARRETO, C; SOARES, L. Narrativas da Aparência: A materialização do Gênero no Design de Moda. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônico), Florianópolis, 2013. P. 1-10.
- CHESKYS, Débora. APRISIONANDO MULHERES – UMA ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA EXECUÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MULHERES ENCARCERADAS. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônico), Florianópolis, 2013. P. 1-12.
- CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. Revista Portuguesa de Educação, v. 16, n. 2, 2003.
- Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher. Câmara dos Deputados. Mapa da Violência Contra a Mulher. Anexo- II, Brasília 2018.
- DESLANDES, Suely Ferreira. Pesquisa social: teoria, método e criatividade/ Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). – Petrópolis, RJ : Vozes, 1994, p. 51-64.
- GRAMSCI, Antônio. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Editora Civilização Brasileira, vol. 4, ano 1982, p.1-244.
- MACHADO, Isadora, Vier. Para além da judicialização: Uma leitura da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/06) em três dimensões. **Revista Feminismos**, Vol.2, N.3. set. – dez. 2014. P. 31-43.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- MOREIRA, Walter. Revisão de Literatura e Desenvolvimento Científico: conceitos e estratégias para confecção. Lorena, SP, ano 1, nº 1, 2º semestre de 2004.
- OLIVEIRA, R. C.; LIMA, J. C. P.; GOMES, R. F. MACHISMO E DISCURSO DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS: uma análise das “opiniões” sobre a violência sexual contra as mulheres. **Revista Feminismos**, Vol.6, N.1. jan. – abr. 2018. P. 67-77.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS Corpo, 1995.

APÊNDICE

ANEXO 1 – Questionário exploratório

- Qual o seu intuito em estudar na Unilab?

- A proposta de conhecimento da Unilab mudou seu comportamento em quanto mulher na sociedade?

- O que é ser aluna da Unilab no contexto de Santo Amaro?

- Você já sofreu algum atributo diante do estereótipo de gênero nas relações afetivas? Quais são as rotulações?

- Para você como reflete as ideias de machismo, patriarcado e gênero em Santo Amaro?

- Santo Amaro é uma sociedade que apresenta casos de discriminação, violência e sexualidade contra as mulheres?